

À PROCURA DA TERRA DOS VIVOS: OS LUGARES DE POVOAMENTO DAS PRIMEIRAS FASES DO MEGALITISMO FUNERÁRIO NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL

LOOKING FOR THE LAND OF THE LIVING: THE SETTLEMENT PLACES OF THE BEGINNING OF THE FUNERARY MEGALITHISM IN CENTRAL AND SOUTHERN PORTUGAL

César Neves, Associação dos Arqueólogos Portugueses; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Portugal; c.augustoneves@gmail.com

Mariana Diniz, UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Portugal; Associação dos Arqueólogos Portugueses; m.diniz@fl.ul.pt

RESUMO

No debate científico em torno das origens do Megalitismo funerário no Ocidente Peninsular, um dos principais tópicos de discussão relaciona-se com o parco conhecimento que ainda existe acerca dos espaços de *habitat* das comunidades que terão construído e utilizado esses monumentos.

Partindo do quadro cronométrico disponível, não há evidências que, no Centro e Sul do actual território português, o arranque do Megalitismo funerário ocorra antes do intervalo de tempo situado entre ~3700-3300 cal BC, momento que Rui Boaventura denominou de *Fase 1 – pré-ídolos-placa* (Boaventura, 2009). Em termos crono-culturais, esse espaço temporal parece integrar uma fase plena do Neolítico médio, momento onde se regista um conjunto de comportamentos humanos, com profundas alterações dos sistemas sociais, que demonstram quadros de grande complexidade social e simbólica, visível essencialmente na selecção e transformação antrópica de uma paisagem e na construção dos discursos e das memórias sociais.

O Neolítico médio no Ocidente Peninsular, na sua fase mais plena (segundo e terceiro quartel do 4º milénio cal BC), parece corresponder a um momento de estabilização e uniformidade, de um maior conhecimento colectivo, culturalmente reconhecido por grupos que ocupam um vasto território, partilhando uma identidade cada vez mais comum.

É inserida nesta dinâmica que ocorre a entrada em cena das arquitecturas funerárias megalíticas, num fenómeno que marca, indubitavelmente, o Neolítico médio pleno, e que também define a cronologia de arranque desta etapa. Com as origens do Megalitismo funerário como cenário de reflexão central,

este texto incidirá, essencialmente, nos espaços de *habitat* contemporâneos dessa etapa, correlacionando os dados empíricos disponíveis, destacando dois elementos principais: Cronologia e Cultura-Material.

PALAVRA-CHAVE: Megalitismo; Habitat; Neolítico médio; Cronologia; 4º milénio cal BC.

ABSTRACT

In the scientific debate about the origins of funerary Megalithism in Western Iberia, one of the main topics in discussion is related with the limited knowledge about the settlements places of the communities that had constructed and used these monuments.

Starting from the available chronometric record, there is no evidence that in the Centre and South Portugal, the start of Funerary Megalithism starts before ~ 3700-3300 cal BC, a moment that Rui Bonaventura called Phase 1 - “Pre-idol-plaques” (Boaventura, 2009).

In chrono-cultural terms, this time space seems to fit in a 2nd phase of the Middle Neolithic. At this moment, a set of human behaviours occurs with deep changes of social systems and with huge symbolic complexity, visible, mainly, in the selection and anthropic transformation of a landscape and the construction of social memories.

The Middle Neolithic in the Western Iberia, in its 2nd phase (second and third quarter of the 4th millennium cal BC), seems to correspond to a moment of stabilization and uniformity, with a collective knowledge, culturally recognized by human groups who occupy a large territory, sharing an increasingly common identity. It is between in this dynamic that the megalithic funerary monuments emerged, in a phenomenon that belongs to the 2nd phase of the Middle Neolithic, and which also defines the beginning, in chronological terms, of this moment.

Starting from the available empirical data and with the beginning of the funerary Megalithism as main analysing topic, this paper will focus essentially on the contemporary settlement places, highlighting two main elements: Chronology and Material Culture.

KEY WORDS: Megalithism; Settlement; Middle Neolithic; Chronology; 4th millennium cal BC

1. INTRODUÇÃO

Os Espaços da Morte das Antigas Sociedades Camponesas no Centro e Sul de Portugal, em particular os sepulcros megalíticos, correspondem a um das temáticas de análise na qual a investigação arqueológica tem investido com mais regularidade (obtendo, daí, um valioso retorno científico).

No entanto, o conhecimento que existe para o fenómeno do Megalitismo funerário é claramente desigual, nomeadamente no que diz respeito às suas origens. Esta situação resulta, por um lado, de um menor número de dados relacionados com este momento e, acima de tudo, do desconhecimento que ainda se tem acerca do período crono-cultural em que este episódio se insere: o Neolítico médio.

No essencial, para esta fase crono-cultural, o registo arqueológico disponível é feito de reduzida informação cronológica e de elos culturalmente perdidos. Trata-se de um momento que, apesar do reconhecido aumento da base empírica, foi, até há pouco tempo (Neves, 2018), exclusivamente abordado através da vertente funerária.

A escassa informação disponível para o Neolítico médio, fase parcamente reconhecida em contextos domésticos, traduz um desvio arqueográfico acentuado e não um dado histórico concreto, que resulta da má definição das características específicas dos modelos de povoamento, da organização dos *habitats* e da componente artefactual das comunidades. A escassez de dados relacionados com os espaços de cariz doméstico faz com que a caracterização dos conjuntos artefactuais assente mais na ausência de determinados elementos do que na presença inequívoca de um “fóssil director”. No debate acerca da construção dos primeiros monumentos megalíticos, continua a sentir-se o menor peso da caracterização dos *habitats* contemporâneos (Diniz, 2000). Na última década, o estudo sobre o Neolítico médio dá um salto qualitativo determinante, nomeadamente na construção de um maior quadro cronométrico, mais estreito e fiável, na análise da constituição genética das populações, na definição do subsistema económico, das áreas de circulação destes grupos, e, por fim, na caracterização do espólio votivo que, por norma, lhe está associado nos espaços da Morte (Boaventura, 2009; Boaventura e Mataloto, 2013; Cardoso e Carvalho, 2008; Carvalho, 2014a; 2014b; 2014c; Carvalho e Cardoso, 2010-2011; Carvalho e Cardoso, 2015; Mataloto e Boaventura, 2009).

A investigação desenvolvida trouxe, ao debate, novas linhas de análise, mais focadas nas populações neolíticas, dando maior destaque às do Neolítico médio, em questões relacionadas com a sua origem, lugares de exploração e circulação, bem como às práticas de subsistência e cronologia (Carvalho e Petchey, 2013; Price, 2014; Carvalho et al. 2015; Carvalho e Rocha, 2016). No entanto, em contraste com este crescimento notório da base empírica, o conhecimento relativo aos lugares de *habitat* tem progredido através de passos mais curtos mas, cremos, igualmente sólidos procurando ultrapassar o quadro tradicional que o título “*Muitas antas, pouca gente?*” (Gonçalves,

2000), sintetizava.

O texto que aqui se apresenta tem como temática central os sítios de *habitat* que datam da fase inicial do Megalitismo funerário, no Centro e Sul de Portugal procurando, dessa forma, contribuir para um maior conhecimento acerca deste fenómeno complexo e, acima de tudo, das comunidades que lhe estão associadas, no quadro da investigação que se tem vindo a desenvolver na última década (Neves, 2012, 2015a, 2015b, 2016 e 2018; Neves e Diniz, 2014; Nunes e Carvalho, 2013).

2. O ARRANQUE DO MEGALITISMO FUNERÁRIO, NO OCIDENTE PENINSULAR

No Ocidente peninsular, a emergência dos sepulcros megalíticos - que tradicionalmente têm vindo a ser utilizados como os fósseis-directores do Neolítico médio - tendo em conta os monumentos datados, essencialmente através de restos osteológicos humanos (de fiabilidade segura), o período entre o segundo e o terceiro quartel do 4º milénio cal BC parece corresponder ao limite cronológico inferior deste complexo fenómeno arquitectónico, segundo a proposta de Rui Boaventura (Boaventura, 2009, p.335), construída para o Centro (Boaventura, 2009), e para o Sul de Portugal (Boaventura, 2011; Boaventura e Mataloto, 2013) na sequência de um trajecto de investigação que constitui uma indispensável referência para a Pré-história do Ocidente peninsular.

Partindo do quadro cronométrico hoje disponível, não há evidências que o arranque do Megalitismo funerário, no Centro e Sul de Portugal, ocorra antes do intervalo de tempo situado entre ~3700-3300 cal BC, inserindo-se, dessa forma, no momento que Rui Boaventura denominou de *Fase 1 – pré-ídolos-placa* (Boaventura, 2009).

Este período crono-cultural, situado entre o segundo e o terceiro quartel do 4º milénio cal BC, corresponderá, no Ocidente Peninsular, ao Neolítico médio pleno, como foi recentemente definido (Neves, 2018).

Em termos arquitectónicos, os monumentos inseridos neste momento correspondem, em termos gerais, a *pequenos sepulcros de câmara simples e pequenos sepulcros de corredor curto com espólio “antigo”* (Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017).

Trata-se de espaços funerários com reduzido número mínimo de indivíduos aí depositados, a que se associa um espólio, também ele pouco numeroso e pouco diversificado, constituído por elementos de pedra polida (machados e enxós), pequenas lâminas ou lamelas, raramente retocadas, armaduras geométricas - dominam os trapézios sobre os segmentos e triângulos, em

muito menor número - e onde se destaca a ausência, ou a presença muito reduzida, de recipientes cerâmicos.

Este “pacote” será transversal a um conjunto de sepulcros e também ocorre em grutas naturais e em hipogeus coevos (Boaventura e Mataloto, 2013; Carvalho, 2014b; Cardoso e Carvalho, 2008; Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017), naquilo que pode ser a demonstração de uma unidade cultural (e cronológica), associada ao Neolítico médio e que ultrapassa (e aproxima), espaços regionais, até há pouco, pensados como distintos (Neves, 2018). Esta etapa terminará com o aparecimento nos espólios de novos materiais ausentes dos mobiliários votivos desta 1ª fase, como os ídolos-placa e as suas variantes, as pontas bifaciais – pontas de seta, punhais e alabardas -, as grandes lâminas retocadas, lâminas ovóides e os recipientes cerâmicos em grande número e com grande heterogeneidade de formas (Boaventura, 2009, p.346). Estes itens artefactuais estarão já associados a monumentos megalíticos de média/grande dimensão e monumentos de falsa cúpula, bem como a grutas-necrópole e hipogeus, atribuídos aos finais do 4º e ao longo do 3º milénio cal BC (Boaventura e Mataloto, 2013; Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017).

Na fase de arranque do megalitismo funerário inserem-se – de acordo com critérios arquitectónicos, artefactuais e cronométricos - os sepulcros da Sobreira 1 (Elvas), Rabuje 5 (Monforte), Cabeceira 4 (Mora), Cabeço da Areia (Montemor-o-Novo), e Carrascal de Aqualva (Sintra), bem como as primeiras utilizações de Pedras Grandes (Odivelas), e Pedra Branca (Grândola), conferindo solidez a esta leitura interpretativa (Boaventura, 2006 e 2009;

<i>Datações absolutas – Sepulcros Megalíticos – Neolítico médio do Centro e Sul de Portugal</i>							
Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	$\delta^{13}C$ (‰)	$\delta^{15}N$ (‰)	2 σ cal BC	Bibliografia
Sobreira 1	Beta-233283	<i>Homo</i>	4770 \pm 40	-19,40	-	3643-3381	Boaventura, 2009
Rabuje 5	Beta-191133	Carvão <i>A. unedo</i>	4650 \pm 50	-23,50	-	3630-3345	Boaventura, 2009
Cabeceira 4	Beta-196094 Wk-41089	<i>Homo</i>	4780 \pm 40	-19,42	10,89	3647-3383	Rocha, 2005
Cabeceira 4	Wk-17084	<i>Homo</i>	4759 \pm 41	-19,11	10,06	3640-3379	Rocha e Duarte, 2009 Carvalho e Rocha, 2016
Cabeceira 4	Wk-41086	<i>Homo</i>	4742 \pm 20	-19,38	10,10	3633-3383	Carvalho e Rocha, 2016
Cabeço da Areia	Beta-196091	<i>Homo</i>	4650 \pm 40	-	-	3621-3356	Rocha e Duarte, 2009
Carrascal de Aqualva	Beta-228577	<i>Homo</i>	4770 \pm 40	-19,03	9,39	3643-3381	Boaventura, 2009
Carrascal de Aqualva	Beta-225167	<i>Homo</i>	4640 \pm 40	-20,10	-	3618-3350	Boaventura, 2009
Pedras Grandes	Beta-205946	<i>Homo</i>	4590 \pm 40	-19,86	8,37	3520-3100	Boaventura, 2009
Pedra Branca	ICEN-1040	<i>Homo</i>	4620 \pm 60	-	-	3628-3106	Soares, 2010

Tabela 1

Rocha e Duarte, 2009; Soares, 2010; Boaventura, Ferreira e Silva, 2013; Carvalho e Rocha, 2016; Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017). (Tabela 1).

3. OS ESPAÇOS DE HABITAT DO INÍCIO DO MEGALITISMO FUNERÁRIO: CRONOLOGIA E CULTURA MATERIAL

A base empírica disponível para os espaços de *habitat* associados à 1ª fase do Megalitismo funerário é muito limitada em parte devido à ausência de “fósseis-directores” o que torna estes sítios menos visíveis no registo arqueológico.

De momento, e de acordo com critérios tipológicos, inserem-se nesta etapa as ocupações registadas na Moita do Ourives (Benavente), na camada Da do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas), assim como no concheiro da Barrosinha (Comporta) (Carvalho, 1998 e 2016; Neves, 2018; Soares e Silva, 2013).

Destes contextos apenas a pequena intervenção levada a cabo no concheiro da Barrosinha – onde foram identificadas duas ocupações intercaladas temporalmente (Camada 4 e 2), mas que os seus investigadores consideram ambas integradas na Fase II da Comporta (Soares e Silva, 2013) – forneceu datações absolutas. Ao contrário da Moita do Ourives e da camada Da do Abrigo da Pena d'Água, na Barrosinha foi possível obter datações absolutas para os dois níveis, genericamente enquadrados na segunda metade do 4º milénio cal BC. No geral, as datações desta Fase II da Comporta, obtidas sobre conchas de moluscos marino-estuarinos e devidamente corrigidas do efeito de reservatório oceânico, apontam para o segundo e terceiro quartel do 4º milénio cal BC, situando-se entre 3761 e 3373 cal BC (*Idem*, 2013).

A este horizonte cronológico pertence igualmente a 2ª fase de ocupação do sítio da Senhora da Alegria (Coimbra), de acordo com a datação absoluta de 3636-3376 cal BC, obtida sobre uma amostra de carvão recolhida numa estrutura de combustão (Valera, 2013). Uma leitura cronométrica semelhante parece observar-se naquela que será a fase mais antiga dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), tendo em conta o resultado de uma datação, sobre *Sus sp.*, numa amostra recolhida numa fossa, claramente enquadrada no mesmo horizonte em discussão – 3620-3370 cal BC (Valera, et al. 2017).

Utilizando, unicamente, *habitats* para os quais existem datações absolutas, apenas três sítios podem ser enquadrados na fase de arranque do Megalitismo funerário no Centro e Sul de Portugal: Senhora da Alegria, Barrosinha e Perdigões. Trata-se de sítios com estratégias de ocupação e exploração do espaço distintas e, possivelmente, com diferentes tipologias funcionais demonstrando heterogeneidade cultural, na abordagem aos cenários de acção, das comunidades de uma fase plena do Neolítico médio.

No entanto, estas ocupações – ainda que datadas – apresentam limitações significativas para este debate. No geral, correspondem a sítios ainda insuficientemente caracterizados, quer parcialmente, como é o caso da Barrosinha (onde ainda se desconhece a indústria lítica), quer na totalidade, como é o caso dos contextos da Senhora da Alegria (em estudo) e dos Perdigões (ainda em escavação e estudo - Valera, et al. 2017, p.64) (Figura 1).

Perante este cenário, a caracterização dos lugares de *habitat* do Neolítico médio pleno contemporâneos do arranque do Megalitismo funerário, assenta, no campo da cultura material – no sítio da Moita do Ourives, já objecto de estudo integral (Neves, 2018). A partir deste contexto, e analisando os dados obtidos na Barrosinha (suportados por datações cronométricas) (Soares e Silva, 2013), e observando a sequência estratigráfica do Abrigo da Pena d'Água que coloca a camada Da entre os níveis de ocupação do Neolítico médio inicial e do Neolítico final (Carvalho, 1998 e 2016), foi possível delinear um quadro artefactual para o Neolítico médio pleno, que futura investigação poderá precisar (Tabela 2 e 3; Figura 2 a 4).

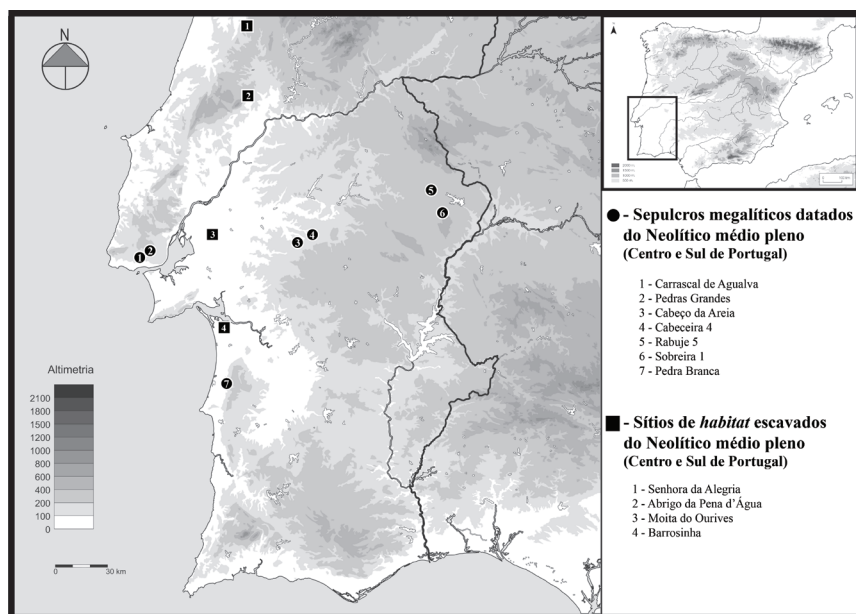


Figura 1. Sepulcros megalíticos datados do Neolítico médio pleno e habitats contemporâneos (Centro e Sul de Portugal). (base cartográfica: Boaventura, 2009).

Contrastando esta imagem com a que caracteriza a etapa imediatamente anterior – Neolítico médio inicial (~4500-3700 cal BC – Neves, 2018), é na produção de recipientes cerâmicos que se identificam os elementos que melhor poderão melhor caracterizar o quadro artefactual do Neolítico médio pleno. Os contextos domésticos do Neolítico médio, na sua fase plena, apresentam, ao nível da cerâmica, conjuntos totalmente desprovidos de decoração ainda que, em alguns casos, mantenham uma presença muito residual, embora sem

Neolítico médio pleno – indústria lítica						
Matéria-prima	Economia de Debitagem	Tipologia	Debitagem	Funcionalidade	Alterações	Pedra Polida / Afeiçãoada
Exploração preferencial de matérias-primas locais	Vocacionada para obtenção de lascas, de quartzo e sílex escasso, por regra)	Lascas de morfologia regular e de média dimensão	Lascas e lamelas dominam	Presença efectiva de utensílios com traços de utilização (usados em bruto), que se superioriza aos elementos com retoque marginal	Tratamento térmico presente	Baixo índice de presenças
Modalidades de aquisição/transporte de matéria-prima que ultrapassem as disponíveis no território envolvente	Produtos alongados maioritariamente em sílex, com forte presença de quartzo	Utilisagem geométrica representada maioritariamente por trapézios (segmentos em menor número)		Funcionalidade dos utensílios conformados que remetem para possíveis “elementos de foice”, actividade de corte, raspagem e armaduras		Elementos de moagem presentes no registo, mas de forma residual e fragmentada
	Sílex como matéria-prima preferencial na produção de utilisagem retocada, seguido de quartzo e quartzo	Geométricos sob suportes lamelares e laminares – sílex como rocha preferencial				

Tabela 2. Habitats do Neolítico médio pleno (segundo e terceiro quartel do 4º milénio cal BC) – Cultura Material - Indústria lítica

Neolítico médio pleno – cerâmica			
Tecnologia	Morfologia	Decoração	Funcionalidade
Argilas locais	Formas abertas e fechadas, com domínio das abertas	Recipientes lisos (superior a 90%)	Recipientes de média dimensão - multiplicidade funcional (preparação e consumo de alimentos)
Pastas compactas		Decoração muito escassa	
Paredes pouco espessas	Predomínio das taças e esféricos	Incisão – única técnica decorativa	Presença residual de elementos tradicionalmente relacionados com armazenagem e conservação de alimentos
Alisamento interno e externo das superfícies, ou sem acabamento	Recipientes, na sua maioria, de média dimensão	Motivos simples	
Cozeduras em ambientes redutor com arrefecimento oxidante	Presença residual vasos de grandes dimensões	Redução do peso do sulco abaixo do bordo nas gramáticas decorativas	

Tabela 3. Habitats do Neolítico médio pleno (segundo e terceiro quartel do 4º milénio cal BC) – Cultura Material – Cerâmica

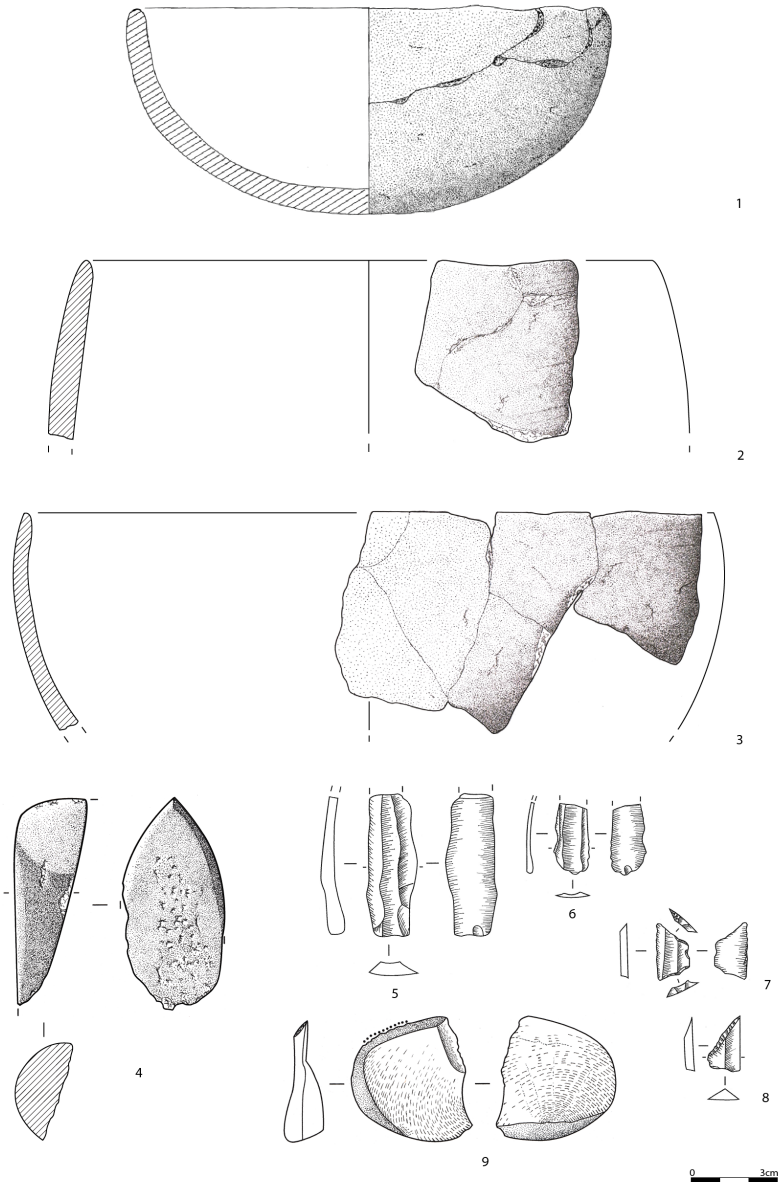


Figura 2. Cultura Material do Neolítico médio pleno – exemplares da Moita do Ourives.
1-3 – Cerâmica lisa; 4 – Machado de pedra polida; 5 – Lâmina; 6 – Lamela;
7-8 – Trapézio; 9 – Lasca com traços de utilização (Neves, 2018).

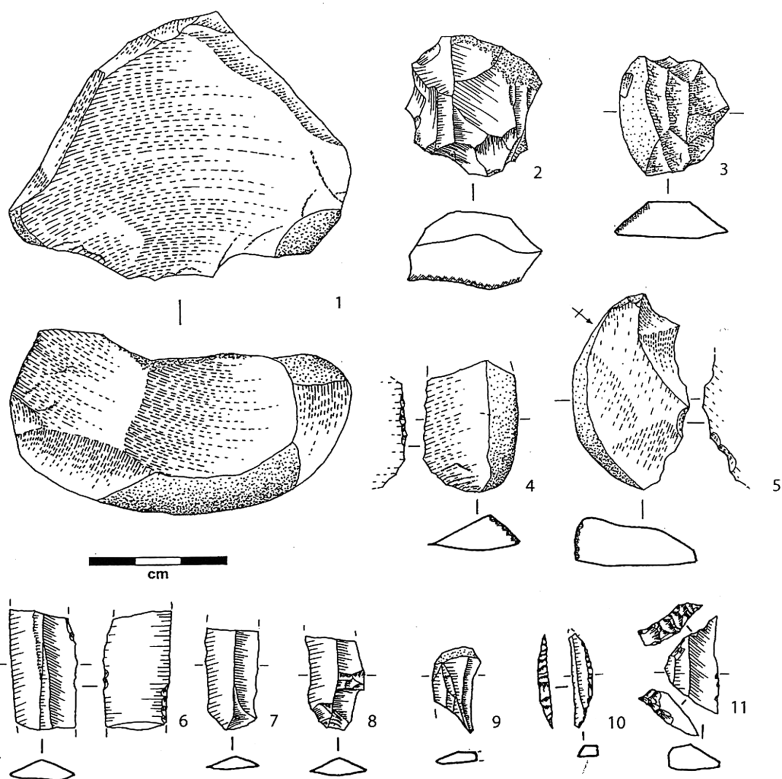
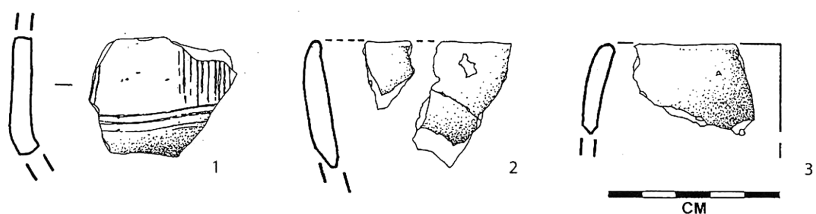


Figura 3. Conjunto artefactual correspondente ao Neolítico médio da camada Da do Abri-
go da Pena d'Água. (Carvalho, 1998b, p.65).

COMPORTA II (MALHADA ALTA E BARROSINHA)

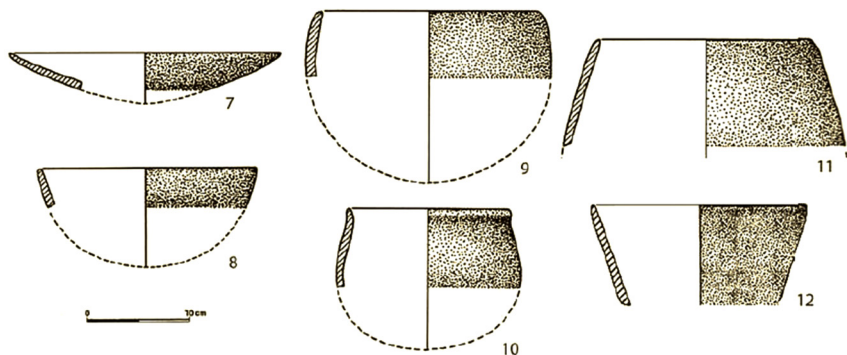


Figura 4. Conjunto cerâmico correspondente ao Neolítico médio da Comporta – Fase II (Adaptado de Soares e Silva, 2013, p.161).

expressividade percentual, de elementos decorados, geralmente incisos.

Este quadro estará claramente demonstrado em três dos sítios de *habitat* enunciados neste texto e que se localizam em três áreas regionais distintas: Pena d'Água - Estremadura portuguesa; Moita do Ourives - Baixo Vale do Tejo; Barrosinha - Costa Sudoeste.

Na já referida camada Da da Pena d'Água, o número de elementos decorados não excede os 7%. Na Moita do Ourives, regista-se a presença de 6 fragmentos decorados (todos a incisão), correspondendo a, somente, 2% do total da amostra. Mais a Sul, na ocupação identificada na camada 4 da Barrosinha, observa-se a existência de um conjunto cerâmico totalmente liso, com excepção de um único exemplar decorado com *sulco abaixo do bordo*, dando à cerâmica decorada uma representatividade percentual de cerca de 1% (Carvalho, 2016; Soares e Silva, 2013; Neves, 2018) (Figura 5).

Como já foi referido, este nível de ocupação da Barrosinha, com datações absolutas, compreendidas entre segundo e terceiro quartel do 4º milénio cal BC (Soares e Silva, 2013, p.154), apresenta um patamar cronológico muito semelhante ao registado na ocupação do Neolítico médio da Senhora da Alegria e em duas fossas dos Perdigões. Apesar destes contextos estarem ainda em estudo não sendo, por isso, possível proceder à análise dos dados arqueológicos na sua totalidade, as informações avançadas apontam para um pacote artefactual com estas características.

Na Senhora da Alegria, sítio constituído por várias linhas de fossos, foi possível

obter, a partir de uma lareira, uma datação de 3636-3376 cal BC, associada a “uma cultura material caracterizada por cerâmicas de formas esféricas e em calote, totalmente lisas, e a uma indústria lítica ainda com uma importante componente microlítica, com geométricos e ausência de pontas de seta” (Valera, 2013, p.338). A estas referências à componente artefactual, acresce-se uma presença significativa de pedra polida (machados e enxós) e afeiçoada (dormentes e moventes), o que permite integrar o conjunto no modelo típico que parece corresponder ao Neolítico médio pleno, como o temos vindo a estabelecer. A abundância de elementos de pedra polida – nem sempre registada nos *habitats* desta etapa – deve associar-se à especificidade funcional deste contexto.

Nos Perdígões, as descrições preliminares da cultura material provenientes das fossas já datadas do Neolítico médio pleno, remetem para a presença de uma indústria lítica de produção de lascas e lamelas, alguma utensilagem geométrica e recipientes de morfologia simples (hemisféricos e globulares), onde se destaca a ausência de carenas e motivos decorativos (Valera, et al, 2017, p.64). O enquadramento cronológico dos contextos analisados, os indicadores disponíveis para o seu pacote artefactual, bem como a sua localização geográfica, faz antever uma difusão ampla destes conjuntos artefactuais, onde a ausência do peso social das gramáticas decorativas nos recipientes cerâmicos é o elemento de diagnóstico mais evidente, num momento crono-culturalmente con-

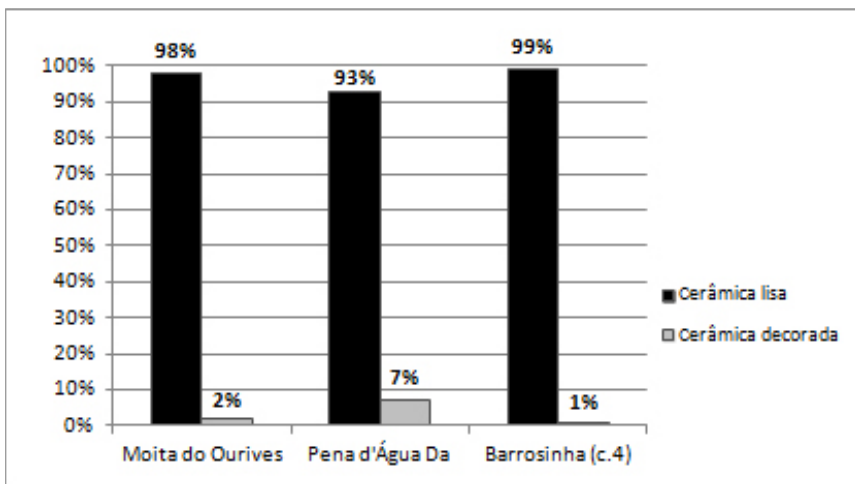


Figura 5. Percentagem das Cerâmicas decoradas vs Cerâmica lisa, no Neolítico médio pleno (a partir de: Neves, 2018; Carvalho, 2016; Soares e Silva, 2013).

sentâneo com a dispersão e expansão do Megalitismo funerário, no extremo Ocidente Peninsular.

4. DISCUSSÃO

O início de uma segunda fase do Neolítico médio parece ocorrer a partir do final do primeiro quartel do 4º milénio cal BC, prolongando-se até ao início do último quartel do mesmo milénio.

A partir desta fase, assiste-se a um processo histórico com etapas cada vez mais curtas, onde o crescimento e complexificação económica e social atingem uma dinâmica bastante intensa, muitas vezes difícil de captar pelos intervalos (ainda longos) do radiocarbono. Apesar de corresponder a um período ligeiramente superior a 500 anos, no Neolítico médio pleno regista-se um conjunto de comportamentos, com profundas alterações dos sistemas culturais que demonstram quadros de grande complexidade social e simbólica, visíveis essencialmente na selecção e transformação antrópica de uma paisagem e na construção dos discursos e das memórias sociais do qual o Megalitismo é parte integrante.

Corresponde a um momento de estabilização e maior uniformidade cultural, de um conhecimento colectivo, culturalmente reconhecido por grupos que ocupam um território vasto, partilhando uma identidade comum. A mobilidade dos grupos e dos indivíduos que as análises bio-antropológicas têm vindo a demonstrar justificará a forte homogeneidade que se detecta, nesta fase, no campo da cultura material. Os “regionalismos” a existirem não são, neste momento, óbvios e a funcionalidade dos sítios parece a causa fundamental da diversidade que se possa detectar não nas tipologias dos artefactos, mas na densidade de presenças registadas nos conjuntos.

E é inserida nesta dinâmica que ocorrerá a entrada em cena das arquitecturas funerárias megalíticas no Centro e Sul do actual território português, num fenómeno que marca, indubitavelmente, o Neolítico médio pleno, e que também define a cronologia de arranque desta etapa (~3700-3200 cal BC).

A coincidência cronológica com o arranque do Megalitismo funerário e algumas diferenças na cultura material relativamente ao Neolítico médio inicial (Neves, 2015a, 2015b e 2018), marcam esta segunda fase do Neolítico médio (~3700-3200 cal BC), a que se seguirá o Neolítico final (Tabela 4 e Figura 6).

Nas primeiras necrópoles megalíticas, reconhecem-se conjuntos votivos de reduzida dimensão e diversidade, num “pacote” artefactual transversal a um conjunto de sepulcros de distinta natureza e tipologia - grutas naturais e hipogeus - que cruzando diferentes geografias demonstram a unidade cultural, associada ao Neolítico médio (Neves, 2018).

No mesmo sentido, observa-se que, para o mesmo intervalo de tempo, encon-

Datações absolutas – Neolítico médio (espaços de habitat)							
Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	δ13C (‰)	δ15N (‰)	2 σ cal BC	Bibliografia
Neolítico médio inicial							
Costa do Pereiro	Wk-13682	Homo	5133±45	-19,57	8,56	4039-3799	Carvalho e Petchey, 2013
Pontal	CSIC-648	Concha	4930±50	-	-	3904-3638	Soares e Silva, 2013
Vale Rodrigo 3 (ocup. prévia)	KIA-31381	Carvão	4996±30	-26,86	-	3938-3699	Armbruster, 2008 Boaventura, 2009
Vale Rodrigo 2 (ocup. prévia)	Sem identificação	Carvão	5175±70	-	-	4228-3797	Armbruster, 2008
Vale Rodrigo 2 (ocup. prévia)	Ua-10830	Carvão	4905±70	-	-	3937-3525	Larsson, 2000
Neolítico médio pleno							
Senhora da Alegria	Beta-339601	Carvão	4730±40	-	-	3636-3376	Valera, 2013
Barrosinha (c.4)	Beta-221719	Concha	5240±50	-	-	3761-3530	Soares e Silva, 2013
Barrosinha (c.4)	CSIC-652	Concha	4720±50	-	-	3635-3373	Soares e Silva, 2013
Barrosinha (c.2)	Beta-221720	Concha	5080±60	-	-	3618-3355	Soares e Silva, 2013
Barrosinha (c.2)	CSIC-649	Concha	4580±50	-	-	3510-3099	Soares e Silva, 2013
Perdigões	ICA-15T/1016	Sus sp.	4680±30	-	-	3620-3370	Valera, <i>et al.</i> , 2017
Perdigões	DeA-8207	Sus sp.	4577±28	-	-	3496-3118	Valera, <i>et al.</i> , 2017

Tabela 4. Datações absolutas – Neolítico médio inicial e pleno

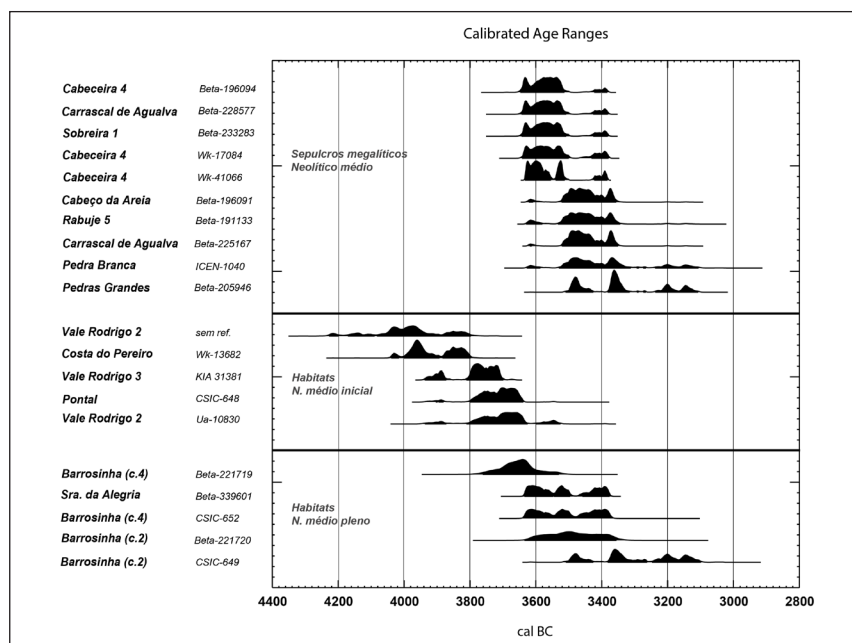


Figura 6. Representação gráfica dos intervalos de tempo – Sepulcros megalíticos com datações mais antigas disponíveis e Habitats do Neolítico médio inicial e pleno. Foram utilizadas as curvas IntCal 13 e o Marine 13 (Reimer et al. 2013), e o programa CALIB VER 7.0.2.

tram-se as ocupações domésticas da Barrosinha e Senhora da Alegria, situadas, genericamente, entre ~3700-3200 cal BC, espaço cronológico que apontamos para a Moita do Ourives e da camada Da da Pena d'Água.

Estes *habitats* do Neolítico médio pleno, situados em espaços regionais distintos, mantêm a homogeneidade artefactual já existente no Neolítico médio inicial, com a principal diferença, entre as duas fases, a verificar-se ao nível da cerâmica, com os recipientes a surgirem, agora, praticamente desprovidos de decoração e idênticos àqueles que se identificam nos espaços funerários deste período, com a esta característica a constituir-se como o “fóssil-director” mais explícito na caracterização, por via de critérios tipológicos, deste momento.

5. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

Em termos culturais e cronométricos, estes *habitats* da Moita do Ourives, Barrosinha, a ocupação do nível Da da Pena d'Água, bem como a 2ª fase da Senhora de Alegria, deverão ser contemporâneos da *Fase 1 – pré-ídolos-placa* que, segundo o modelo interpretativo de Rui Boaventura para os sepulcros da Estremadura e Alentejo, centra-se entre c. 3700-3300 cal BC e que envolve distintos lugares e práticas funerárias (Boaventura, 2009). Além das grutas naturais, utilizadas desde as fases iniciais do processo de Neolitização, juntam-se a partir deste momento os primeiros monumentos megalíticos de cariz funerário e, também, as primeiras construções e utilizações de grutas artificiais.

A uniformidade artefactual que parece verificar-se nos espaços domésticos do Neolítico médio, e que já se verificaria na sua fase inicial, parece também suceder nos ambientes funerários sincrónicos. À semelhança do mundo dos vivos, esta homogeneidade, igualmente observável nos mobiliários votivos tem lugar em longos e distintos espaços regionais, percorrendo um território cada vez mais uno na sua evolução sociocultural, deixando definitivamente (?) para trás identidades regionais bem delimitadas que terão existido até ao final do Neolítico antigo evolucionado (primeira metade do 5º milénio cal BC) (Diniz, 2007; Neves, 2015b e 2018).

No futuro, relativamente ao conhecimento dos lugares de povoamento das primeiras “comunidades megalíticas” e, dessa forma, do Neolítico médio pleno no Ocidente Peninsular, torna-se imperioso aumentar o quadro empírico disponível. Actualmente, o número de *habitats* associados a este momento, quando comparado com as etapas imediatamente anteriores e posteriores (Neolítico antigo e Neolítico final), é claramente inferior.

Uma vez que os cenários de acção e as estratégias de exploração do espaço parecem apresentar continuidades óbvias com as do Neolítico antigo, a identificação/caracterização de um maior número de contextos domésticos que

se integrem neste período específico, passará obrigatoriamente pela análise tecno-tipológica, mas também quantitativa, dos elementos da Cultura Material. A construção dos quadros de elementos artefactuais de diagnóstico vai no sentido de ajudar na identificação de novos sítios e, também, na reavaliação de outros ainda incaracterísticos ou parcamente analisados.

Consequentemente, torna-se imperioso alargar o quadro cronométrico existente para os espaços domésticos, no sentido de validar as leituras aqui reproduzidas (Neolítico médio pleno = arranque do Megalitismo de cariz funerário), e que possa, igualmente, abranger um espaço mais alargado do território, até mesmo nas fronteiras seleccionadas para esta análise.

A inexistência de um estudo integral e publicação dos dados produzidos nas ocupações da segunda metade do 4º milénio da Senhora da Alegria e, mais recentemente, Perdígões, condiciona, por agora, as leituras produzidas. No entanto, o enquadramento cronológico que as datações absolutas indicam, claramente compatíveis com as realidades artefactuais sumariamente disponibilizadas, vai ao encontro de um momento pleno do Neolítico médio, paralelizável com as ocupações da Moita do Ourives, camada Da da Pena d'Água e Barrosinha, bem como dos lugares, datados, mais antigos associados ao Megalitismo funerário.

A conexão às paisagens megalíticas terá de permanecer na agenda e debate científico. Os espaços de *habitat*, hoje conhecidos e aqui enumerados, situam-se a alguma distância dos territórios dos primeiros monumentos megalíticos, desconhecendo-se se esta cartografia corresponde a um desvio arqueográfico ou a uma realidade histórica concreta, que importa esclarecer e interpretar.

Lisboa, Julho de 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMBRUESTER, Tanya (2008) - *Technology neglected? A painted ceramic fragment from the dated Middle Neolithic site of Vale Rodrigo 3. Vipasca. Aljustrel. 2.ª série. 2, p. 83 – 94.*
- BOAVENTURA, R. (2006) – *Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 9 (2), p.61-74.*
- BOAVENTURA, R. (2009) - *As antas e o megalitismo da região de Lisboa. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. (polycopiado).*
- BOAVENTURA, R. (2011) - *Chronology of megalithism in South-Central Portugal. Menga. Revista de Prehistoria de Andalucía, 1, p.159-190.*

- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013) - Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p.81-101.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A.F. (2008) - A Gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. In CARDOSO, J. L. (ed.), *Home-nagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 269-300 (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16).
- CARVALHO, A. F. (1998) - Abrigo da Pena d' Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 39-72.
- CARVALHO, A. F. ed. (2014a) - Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal. Faro, Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 17).
- CARVALHO, A. F. (2014b) - Funerary contexts. In CARVALHO, A. F. (ed) Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal. Faro, Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 17), p.19-26.
- CARVALHO, A. F. (2014c) - Bom Santo Cave in context. A preliminar contribution to the study of the first megalith builders of Southern Portugal. In CARVALHO, A. F. (ed) Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal. Faro, Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 17), p.209-230.
- CARVALHO, A. F. (2016) - The Pena d'Água rock-shelter (Torres Novas, Portugal): two distinct life ways within a Neolithic sequence. Del neolític a l'edat del bronze en el Mediterrani occidental. *Estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. TV SIP 119, València, p. 211-223.
- CARVALHO, A.F.; ALVES-CARDOSO, F.; GONÇALVES, D.; GRANJA, R.; CARDOSO, J.L.; DEAN, R.M.; GIBAJA, J.F.; MASUCCI, M.A.; ARROYO-PARDO, E.; FERNÁNDEZ, E.; PETCHEY, F.; PRICE, T.D.; MATEUS, J.E.; QUEIROZ, P.F.; CALLAPEZ, P.M.; PIMENTA, C.; REGALA, F.T. (2015) - The Bom Santo Cave (Lisbon, Portugal): catchment, diet and patterns of mobility of a Middle Neolithic population, *European Journal of Archaeology*, p.1-28.
- CARVALHO, A. F. & CARDOSO, J. L. (2010/2011) - A cronologia absoluta das ocupações funerárias da gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, Oeiras, Câmara Municipal, p. 393-405.
- CARVALHO, A. F. & CARDOSO, J. L. (2015) - Insights on the changing dynamics of cemetery use in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. Radiocarbon dating of Lugar do Canto cave (Santarém). SPAL. Sevilla. 24, p. 35-63.
- CARVALHO, A. F. & PETCHEY, F. (2013) - Stable Isotope Evidence of Neolithic Palaeodiets in the Coastal Regions of Southern Portugal. *Journal of Island and Coastal Archaeology*, 8, p. 361-383.
- CARVALHO, A. F. & ROCHA, L. (2016) - Datação directa e análise de paleodietas dos indivíduos da anta de Cabeceira 4.ª (Mora, Portugal). *digitAR*, nº. 3, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 53-61.
- DINIZ, M. (2000) - Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In GONÇALVES, V., (ed.), "Muitas antas, pouca gente?" *Actas do I Colóquio Internacional de Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 105-116.
- DINIZ, M. (2007) - O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*; 48).
- GONÇALVES, V., (ed.) "Muitas antas, pouca gente?" *Actas do I Colóquio Internacional de Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- LARSSON, L. (2000) - *Symbols in stone: ritual activities and petrified traditions*. Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto: 3, ADECAP, p. 445 – 458.
- MATALOTO, R & BOAVENTURA, R. (2009) – *Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono*. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 12:2, p. 39-77.
- MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A.; PEREIRA, A. (2016-2017) - *O Megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 23, p.33-156.
- NEVES, C. (2010) – *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da Neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. (policopiado).
- NEVES, C. (2012) - *A indústria de pedra lascada do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal): contribuição para o conhecimento do talhe da pedra na segunda metade do V milénio a.C.* Revista Portuguesa de Arqueologia. Igespar, Lisboa. 15, p. 5-30.
- NEVES, C. (2015a) – *A cerâmica decorada com sulco abaixo do bordo do sítio neolítico do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal)*. SAÉZ DE LA FUENTE, I.; TEJERIZO GARCÍA, C.; ELORZA GONZÁLEZ DE ALAIZA, L.; HERNÁNDEZ BELOQUI, B.; HERNANDO ÁLVAREZ, C. (Coords.), *Arqueologías sociales. Arqueología en sociedad*. Actas de las VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica. Vitoria-Gasteiz. Arkeogazte-JAS Arqueología, p.458-465.
- NEVES, C. (2015b) - *A 2ª metade do V Milénio no Ocidente Peninsular: algumas problemáticas a partir da cultura material*. GONÇALVES, V.S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., (eds.), *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ, p.314-321.
- NEVES, C. (2016) - *A produção cerâmica na segunda metade do 5º milénio AC: leitura(s) a partir do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal)*. COELHO, I. P.; TORRES, J. B.; GIL, L. S.; RAMOS, T. (coords.), *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia*. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica. Lisboa: CHAM-FCSH/UNL-UAç e IEM-FCSH/UNL, p.87-97.
- NEVES, C. (2018) – *O Neolítico médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5º e 4º milénio AC*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. (policopiado).
- NEVES, C. & DINIZ, M. (2014) - *Acerca dos cenários da ação: estratégias de implantação e exploração do espaço nos finais do 5º e na primeira metade do 4º milénio AC, no Sul de Portugal*. Estudos do Quaternário, 11, APEQ, Braga, p.45-58.
- NUNES, A & CARVALHO, A. F. (2013) - *O Neolítico Médio no Maciço Calcário Estremenho: estado actual dos conhecimentos e perspectivas de investigação futura*, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coords.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 329-334.
- PRICE, T. D. (2014) – *Isotope proveniencing*. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Born Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 17), p. 151-158.
- REIMER, P.J., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BLACKWELL, P.G., RAMSEY, C.B., BUCK, C.E., CHENG, H., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GUILDERSON, T.P., HAFLIDASON, H., HAJDAS, I., HATTÉ, C., HEATON, T.J., HOFFMANN, D.L., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., MANNING, S.W.; NIU, M.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SCOTT, E.M.; SOUTHON, J.R., STAFF, R.A., TURNEY, C.S.M. y VAN DER PLICHT, J. (2013) - *IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years cal BP*. Radiocarbon. 55(4).

DOI: 10.2458/azu_js_rc.55.16947.

ROCHA, L.; DUARTE, C. (2009) – Megalitismo funerário no Alentejo Central: os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno. In POLO CERDÁ & GARCÍA-PRÓSPER, E. (eds.) – *Investigaciones históricomédicas sobre salud y enfermedad en el pasado. Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología*. Valencia: Grupo Paleolab & Sociedad Española de Paleopatología, p.763-781.

SOARES, J. & SILVA, C. T. (2013) – Economia agro-marítima na Pré-História do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta. *Pré-história das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal*. SOARES, J. (ed.), Setúbal Arqueológica, 14, MAEDS, Setúbal, p. 145-170.

VALERA, A. C. (2013) – Cronologia dos Recintos de Fossos da Pré-História recente em território português. ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coords.) *Arqueologia em Portugal - 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p.345-350.

VALERA, A. C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T. COSTA, C. (2017) - Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th millennium BC): new data and new perspectives. *Estudos do Quaternário*, 17, APEQ, Braga, p. 57-76.

